CARTAS

Mercado de flores

Primeiramente, gostaria de cumprimentá-los pela excelência desta revista, que contempla de forma ímpar os assuntos ligados ao setor agropecuário.

Ao receber o exemplar de setembro, onde foi muito bem abordado o tema "Flores — um mercado em expansão", decidi solicitar a V. Sas. algumas informações de grande importância pessoal.

Estou há algum tempo interessado em ingressar neste ramo, porém, faltava uma orientação de onde obter as informações relacionadas a sistemas de produção, infra-estrutura, potencial de mercado e comercialização.

Atenciosamente grato pela atenção,

José Cláudio Secchi Motta
Engenheiro agrônomo
Vacaria, RS

Em atenção à entrevista concedida pelo senhor Francisco Bongers à revista *Agroanalysis*, de 15-9-1995, ficamos bem-impressionados com a disciplina e organização do agribusiness de flores, que procura aumentar o seu mercado pela melhoria do produto, e com a forma racional de estabelecimento e defesa de preços, ensejando um crescimento racional e seguro do setor.

Atenciosamente,

Carlos A. R. Aquino
Niterói, RJ

As cartas dos leitores devem ser dirigidas à *Agroanalysis*, Praia de Botafogo, 190, sala 813 — Rio de Janeiro — CEP 22253-900 ou pelo fax (021)536-9207.

É permitida a reprodução total ou parcial dos índices e matérias desde que seja citada a fonte.

AGROANALYSIS

Revista mensal de economia agrícola da Fundação Getulio Vargas editada pelo Centro de Estudos Agrícolas do Instituto Brasileiro de Economia

Fundador:
Julian M. Chacel

EXPEDIENTE

Chefe do CEA/IBRE:
Ignez Vidigal Lopes

Redator-chefe:
Regis Alimandro

Equipe de redatores:
Eliana C.B.L. Viglio (arroz, feijão, meio ambiente, tomate, mandioca, caju), Fernando R. de Freitas Almeida (cereais de inverno, oleaginosas, frutas, vinho), Guilherme Soria Bastos Filho (cacau, açúcar, algodão e índice FGV/Abag), Irene Raguenet Troccoli (fumo, milho, avicultura, suinocultura, laranja), Maria José Cyhlar Monteiro (preços, previsão de safras, legislação), Mauro de Rezende Lopes (comércio internacional, política agrícola), Regis Alimandro (café), Tito B. B. Ryff (meio ambiente).

Gerente Comercial:
Carlos Henrique Tibiriçá Miranda

Colaboradores:
Adib Jamil Amim, Lucio Junqueira Campos (estatísticas de preços), Ana Célia Junqueira Campos, Edmilson Pereira Conceição, Márcio Bueno, Mário Augusto Rodrigues Martins (apoio técnico), Jurandi Soares Machado.

Copidesque:
Maria Adelaide Amorim Oliveira.

Técnicos em processamento:
Bruno da Silva Júnior, Deise Jaffar de Lima.

Estagiários:
Ednéia da Silva Bezerra, Maria das Graças Soares, Renê Bertin.

Secretaria e apoio administrativo:
Claudia Ana Marques, Antonio Barbosa, Antonio Getúlio Corrêa de Oliveira.

Divisão de Gestão da Informação (DIGI)
Diretor: Moacyr Antonio Fioravante

Editora da FGV
Coordenação editorial: Cristina Mary Paes da Cunha.
Editoria de arte: Denilza da Silva Oliveira, Eliane da Silva Torres, Jayr Ferreira Vaz, Marilza Azevedo Barboza, Osvaldo da Silva, Simone Ranna.
Revisão: Aleidis de Beltran, Fatima Caroni.
Produção gráfica: Helio Lourenço Netto, Joel Alves.
Comercialização: Carlos Hamilton Rocha, Valéria Oliveira Santiago.

Vendas de assinatura: José Milton Gondim.

Vendas avulsas: Edna Kumakola

Publicidade.

Belo Horizonte — MG: Tel. e fax: (031) 224-9534; Brasília — DF: Tel. e fax: (061) 577-4883; Porto Alegre — RS: Tel. e fax: (051) 249-7056; Recife — PE: Tel. e fax: (081) 465-1851; Ribeirão Preto — SP: Tel.: (016) 625-9639 — Fax: (016) 625-0521; Rio de Janeiro — RJ: Tels.: (021) 252-8720 e 252-9074 — Fax: (021) 221-5984; Salvador — BA: Tel. e fax: (071) 351-1784; São Paulo — SP: Tel. e fax.: (011) 524-1174.

Livrarias — Rio de Janeiro: Livraria J. Carneiro Felipe — Praia de Botafogo, 188 — Tel.: (021) 536-9105

São Paulo: Livraria Faria Lima — Av. Nove de Julho, 2.029 — Tel.: (011) 281-7875.

Editora da Fundação Getulio Vargas — Serviço de Vendas: Praia de Botafogo, 190 s/607 CEP 22253-900 — ou Caixa Postal: 62.591 — CEP 22257-970 — Rio de Janeiro, RJ — Tels.: (021) 551-0698 e 536-9196.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

Instituição de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, criada em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, tem por finalidade atuar no âmbito das Ciências Sociais, particularmente Economia e Administração, bem como contribuir para a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Presidente de honra: Luiz Simões Lopes
Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Vice-presidente: Mario Henrique Simonsen
Diretora-geral: Celina Vargas do Amaral Peixoto

Conselho Diretor

Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Vice-presidente: Mario Henrique Simonsen
Vogais: Celina Vargas do Amaral Peixoto, Eliezer Baptista, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Luiz Fernando da Silva Pinto, Manoel Fernando Thompson Motta, Manoel Pio Corrêa Jr., Marcílio Marques Moreira, Roberto de Oliveira Campos.
Suplentes: Alfredo Américo de Souza Rangel, Carlos Alberto Pires de Carvalho e Albuquerque, Eugenio Emílio Staub, Gilberto Dupas, José Luiz Miranda, Oswaldo Antunes Maciel, Pedro Leitão da Cunha.

Conselho Curador

Presidente: Theodoro Arthou
Vice-presidente: Paulo de Tarso Leal
Vogais: Antonio Monteiro de Castro Filho, Armando Klabin, Associação de Bancos do Estado de São Paulo, Banco Crédit Commercial de France S.A., Carlos Alberto Lenz Cesar Protásio, Diogo Lordello de Mello, Domingos Marques Grëllo, Edmundo Barbosa da Silva, Gilberto Ulhôa Canto, Gustavo de Sá e Silva (Estado de São Paulo), Heitor Chagas de Oliveira, Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), José Ephim Mindlin, Mário Abrantes da Silva Pinto, Mauro Salles (Salles-Interamericana de Publicidade S.A.), Paulo Guilherme Aguiar Cunha (Cia. Ultragaz S.A.), Roberto Paulo Cezar de Andrade (Brascan Brasil S.A.), Sindicato das Empresas de Seguros Privados e Capitalização do Rio de Janeiro.
Suplentes: Cristiano Buarque Franco Neto (Banco Bozano, Simonsen S.A.), João Pedro Gouvêa Vieira Filho (Refinaria de Petróleo Ipiranga S.A.), Jorge Paulo Lemann (Banco de Investimentos Garantia S.A.), Lineu de Paula Machado (Banco Boavista S.A.), Luiz Roberto do Nascimento Silva, Marcio João de Andrade Fortes, Maria do Carmo Nabuco de Almeida Braga (Icatu Empreendimentos e Participações S.A.), Patrick de Larragoiti Lucas (Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes — Cia. de Seguros), Pedro Henrique Mariani Bittencourt (Banco da Bahia Investimentos S.A.), Roberto Duailibi (DPZ Propaganda S.A.), Sérgio Franklin Quintella, Unibanco — União de Bancos Brasileiros S.A.

Conselho Consultivo

Abgar Renault, Carlos Moacyr Gomes de Almeida, Gilberto Duarte Prado, Roberto Borges Martins (Estado de Minas Gerais) e Rubens D'Almada Horta Pôrto.

Instituto Brasileiro de Economia
Diretor: Antonio Salazar P. Brandão
Banco de Dados-IBRE
Salomão L. Quadros da Silva
Centro de Estudos Agrícolas
Ignez Vidigal Lopes
Centro de Estudos das Empresas
Sergio Gustavo S. da Costa
Centro de Estudos de Economia e Governo
Lia Valls Pereira
Centro de Estudos de Preços
Paulo Sidney de Melo Cota
Centro de Estudos Tendenciais
Eden Gonçalves de Oliveira
Revista Conjuntura Econômica
Lauro Vieira de Faria

Nesta edição

1 **Entrevista com Cláudio Martins**

6 **Cartas**

8 **Especial**

8 **O Nafta agrícola e suas implicações para o Brasil**
Mauro Rezende Lopes, Marcos Sawaya Jank e Marc Etienne B. A. Montrigaud

13 **Novos modelos de assistência técnica e extensão rural**
Tito Ryff

18 **Barreiras sanitárias ao comércio de carne bovina**
Tânia Maria de Paula Lyra

24 **Conjuntura do agribusiness:**

24 **Preços de terra e plano de estabilização**

26 **Salários rurais**

28 **Suco de laranja**

30 **Produtos básicos**

34 **Vinho**

36 **Índice FGV/ABAG (Iabag) 1995**

38 **IBGE — síntese estatística**

40 **Oferta e demanda**

42 **Estatísticas agropecuárias**

48 **Panorama agropecuário**

52 **Legislação agrícola**

54 **Panorama internacional**

56 **Janela aberta**

Carta verde

Apenas o menor dos males

Alguns membros da equipe governamental não esconderam o alívio diante do anúncio dos resultados das primeiras pesquisas oficiais sobre as intenções de plantio da próxima safra de verão. Se a retração da área de plantio fosse proporcional à dimensão da crise de liquidez que atingiu a agricultura brasileira em 1995, o desastre seria inevitável.

A preocupação das autoridades encontrava respaldo, inclusive, nos cálculos de várias instituições de nosso agribusiness. Diversas lideranças regionais, consultores, cooperativas e empresas supridoras de insumos agrícolas, até poucas semanas atrás, previam cenários extremamente preocupantes em relação ao plantio. Provavelmente, essas avaliações privadas refletiam, em grande medida, realidades regionais ou a preocupação dos executivos das empresas com o grave estado da saúde financeira de vários de seus clientes mais tradicionais.

A divulgação dos resultados da primeira pesquisa oficial, em meados de outubro, tradicionalmente realizada pela Conab, afastou temores mais extremados.

Conforme o levantamento da Conab, o plantio das cinco principais culturas na região Centro-Sul deverá registrar retração estimada entre 2,5 e 9,5%, em comparação com a área plantada na estação anterior.

Mais recentemente, em novembro, o IBGE divulgou seu primeiro prognóstico de plantio, confirmando a tendência captada pelos técnicos da Conab. A área plantada deverá sofrer uma retração de 7,7% em comparação com a do ano anterior (ver Síntese Estatística, nesta edição).

Esses resultados, bem melhores do que aqueles divulgados por fontes da iniciativa privada, afastam em princípio riscos iminentes de desabastecimento ou de explosão de preços agrícolas. Na hipótese da redução de produção corresponder estritamente à retração prevista da área de plantio, na certa haverá uma elevação quase generalizada dos preços agrícolas em 1996, mas não a ponto de comprometer a estabilidade macroeconômica.

É uma boa notícia, sem dúvida. Mas os números são bons? Claro que não. A perspectiva muito ruim de algumas semanas atenua o impacto negativo da expectativa de um desempenho sofrível da produção agrícola em 1995/96.

O Centro-Oeste, por exemplo, onde se localiza uma agricultura altamente tecnificada, deverá reduzir a área de plantio em pouco mais de 15%. Em particular, a área da soja na região deverá encolher nada menos do que 22%, ou cerca de 1 milhão de hectares. Da mesma forma, os arrozeiros do Sul deixarão de plantar 13%, os produtores de milho do Sudoeste outros 13% e os produtores de feijão 7,5%.

É possível que a renda agrícola melhore em 1996, em razão dos preços mais altos. Mas a menor área de plantio certamente se refletirá em vendas insatisfatórias para as empresas fornecedoras de insumos agrícolas, em maior exposição dos fornecedores de crédito e de fatores de produção e, principalmente, na queda do emprego e/ou do salário rural.

Neste momento em que se acirram os conflitos pela posse e uso da terra, é bom lembrar que os erros e acertos da política agrícola também afetam diretamente os interesses daqueles que vivem da atividade agrícola, principalmente os mais pobres e desprotegidos.